



E O SERTÃO VIROU UM MAR DE SIGNIFICADOS: O LÉXICO COMO ABORDAGEM DA CEARENSIDADE NO COMPONENTE DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Antonio Edson Alves Da Silva ¹
Antonio Anderson Da Silva Beserra ²

And the sertão became a sea of meanings: the lexicon as an approach to Ceará's culture in the high school literature component

Resumo:

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, de procedimento bibliográfico e de caráter exploratório, objetiva propor o léxico como abordagem da cearensidade nas aulas de Literatura do Ensino Médio, desdobrando-se em três objetivos específicos: descrever a trajetória histórica da literatura trabalhada atrelada ao componente de língua portuguesa como uma disciplina curricular do Ensino Médio; apresentar definições acerca da cearensidade e seu vínculo com o léxico cearense; e elencar lexias presentes na obra *O País dos Mourões* (1972) de Gerardo Mello Mourão como expressões de cearensidade. Assim, este trabalho justifica-se por apresentar uma temática pouco explorada nas aulas de Literatura, a cearensidade, e também por ampliar as discussões sobre cultura e identidade a partir das postulações teóricas sobre o léxico. Quanto à fundamentação, os escritos de Antunes (2012), Beserra (2020), Cereja (2005) e Mourão (1975), dentre referências, embasam as discussões levantadas na pesquisa. Por fim, com base na análise lexical do recorte do livro de Gerardo, é possível perceber que o léxico é um importante fator identitário, que revela a cearensidade presente na obra cearense e que sua abordagem em sala de aula, para tratar das manifestações culturais próprias do estado, é necessária e válida.

Palavras-chave: Cearensidade. Literatura. Léxico Cearense. Ensino Médio.

Abstract:

*This research, of qualitative approach, of bibliographic procedure and exploratory character, aims to propose the lexicon as an approach to cearensity in High School Literature classes, unfolding in three specific objectives: to describe the historical trajectory of the literature worked linked to the Portuguese language component as a curricular subject in High School; to present definitions about cearensity and its link with the lexicon of Ceará; and to list lexemes present in the work *O País dos Mourões* (1972) by Gerardo Mello Mourão as expressions of cearensity. Thus, this work is justified for presenting a theme little explored in Literature classes, the cearensity, and also for expanding the discussions about culture and identity from the theoretical postulations about the lexicon. As for the foundation, the writings of Antunes (2012), Beserra (2020), Cereja (2005), and Mourão (1975), among references, support the discussions raised in the research. Finally, based on the lexical analysis of Gerardo's book clipping, it is possible to realize that the lexicon is an important identity factor, which reveals the Cearensity present in the Cearense work and that its approach in the classroom, to deal with the state's own cultural manifestations, is necessary and valid.*

Keywords: Cearensity. Literature. Cearense Lexicon. High School.

1. Doutorando e Mestre em Linguística Aplicada Pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA/UECE). Professor da EEMTI Regina Pacis e da Faculdade de Educação de Crateús (FAEC/UECE).

2. Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas pelo Instituto Federal de Educação do Ceará – IFCE; Professor de Língua Portuguesa no Colégio Monsenhor Cleano, Ipueiras – CE.

1. INTRODUÇÃO

Quando problematizado seu papel numa dada sociedade, a literatura entendida aqui como toda manifestação poética, ficcional ou dramática, assume um caráter essencialmente ontológico, uma vez que se faz presente em muitos momentos do cotidiano dos sujeitos de qualquer cultura, desde um simples sonho, quando a força imaginativa cria diversas narrativas fictícias, e até mesmo no contato com outras manifestações literárias locais, que possuem a função de veicular os preceitos culturais, os tabus sociais e as ideologias dominantes de uma nação ou de povo, como confirma Candido (2011, p. 176):

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (CANDIDO, 2011, p.176).

Assim, por ser intrínseca e significativa ao desenvolvimento humano, a Literatura adentra nos currículos escolares como garantia de direito à arte e à ficção para crianças e adolescentes, e traz consigo uma série de objetivos pedagógicos para a aprendizagem dos estudantes, especialmente para a etapa do Ensino Médio, onde o seu ensino é determinado, sendo eles:

[...] continuidade do processo de aquisição de habilidades de leitura de textos, agora com a diferença de serem sistematicamente estudados textos literários de época; conhecimento da língua padrão e de suas capacidades expressivas e artísticas; compreensão e conhecimento da cultura brasileira, particularmente no domínio de suas manifestações literárias; cultivo de hábitos de leitura (CEREJA, 2005, p.10).

Logo, entende-se que o ensino de Literatura formaria estudantes leitores proficientes e conhecedores da arte e cultura brasileira, ampliando ainda mais a capacidade inata de fabulação, como também o desenvolvimento da leitura, da escrita e do conhecimento cultural. Todavia,

como afirma Dalcastagnè, ainda hoje, “[...] o campo literário brasileiro é extremamente homogêneo[...]” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 6), para isso

Basta observar quem são os autores [...], como são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não têm as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo [...] (*Ibidem*, p. 6).

Isso porque o sistema literário reflete as ideologias dominantes de um dado território, tornando clássicos aqueles autores e obras que partilham das concepções e das características predominantemente aceitas e, em contrapartida, deslegitima outros autores e obras que não partilham destes critérios.

Essa homogeneidade não permite, conseqüentemente, que os estudantes conheçam, a partir da disciplina de Literatura, outras manifestações culturais senão àquelas ideologicamente dominantes. Quanto à territorialidade, os autores clássicos do sul-sudeste e suas obras acabam sendo os mais trabalhados em sala de aula. Os demais autores de outras regiões quando o são, ficam na superficialidade, limitados, muitas vezes, a explanação das características da estética literária do qual fazem parte, sem um aprofundamento nas questões identitárias locais, como a própria biografia do escritor, os cenários, costumes, hábitos culturais e o léxico, interesse deste trabalho, que permeiam as narrativas regionais.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo principal propor o léxico como abordagem da cearensidade nas aulas de Literatura no Ensino Médio, desdobrando-se em três objetivos específicos, a saber: descrever a trajetória histórica da Literatura como uma disciplina curricular do Ensino Médio; apresentar definições acerca da cearensidade e seu vínculo com o léxico cearense; e, por fim, elencar lexias presentes na obra *O País dos Mourões* (1972) de Gerardo Mello Mourão como expressões de cearensidade, exemplo do que pode ser feito em sala.

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, que “[...] busca descrever a complexidade de determinado problema – não envolvendo manipulação de variáveis ou estudos experimentais [...]” (FONTANA, 2018, p.60),

ou seja, o trabalho não conta com ferramentas estatísticas ou numéricas para debater as postulações levantadas, sendo os debates fundamentalmente teóricos e reflexivos; de procedimento bibliográfico, pois “[...] vincula-se à leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, manuscritos, relatórios, teses, monografias, etc.” (*Ibidem*, p. 66), uma vez que é no contato direto com obras e pesquisas que os dados são levantados e as temáticas são problematizadas; e de caráter exploratório, devido “[...] estabelecer informações preliminares sobre um dado assunto estudado [...]” (*Ibidem*, p. 60), posto que esta é uma pesquisa inicial, podendo ser aprofundada e ampliada em potenciais pesquisas.

Deste modo, este trabalho justifica-se por abordar um tema pouco explorado dentro dos estudos literários, a cearensidade, principalmente no contexto escolar, onde a Literatura e cultura cearense não ganham muito espaço dentro dos programas curriculares, e também por alinhar a discussão sobre cultura e identidade às contribuições da área da lexicografia.

Portanto, faz-se necessário, primeiro, compreender o percurso do componente de língua portuguesa que aborda a Literatura no Ensino Médio, mesmo que brevemente, principalmente apoiado nas postulações de Cereja (2005), Ipiranga (2019) e Zappone (2018), pois a partir da retomada histórica será possível compreender como se dava o ensino da matéria em tela em cada época, suas motivações e inspirações, como será exposto a seguir.

2. ERA UMA VEZ: breve trajetória da literatura trabalhada no componente de língua portuguesa no ensino médio

O ensino de Literatura inicia no Brasil no século XVI, com a educação jesuítica, que, preocupada com a evangelização dos habitantes locais, disseminava a fé cristã através de textos religiosos, sobretudo dramáticos. Além disso, inspirados no método humanístico de formação integral do ser humano, os padres jesuítas apresentavam os autores europeus clássicos aos jovens filhos dos colonos, além dos conhecimentos sobre retórica e gramática latina, como afirma Cereja (2005, p. 90):

O ensino brasileiro dedicou durante o período colonial especial atenção as humanidades, optando claramente pelos modelos europeus de educação ignorando as peculiaridades das crianças e dos jovens nascidos no Brasil, fossem índios, mestiços ou filhos de portugueses.

Desta forma, percebe-se que o ensino embrionário de Literatura no país era marcado tanto por um caráter religioso-cristão quanto pela influência europeia, numa tentativa de assimilação de uma cultura vista à época como desenvolvida e erudita, distanciando-se das reais condições e vivências dos estudantes brasileiros.

Após a expulsão dos jesuítas, em 1759, até a Independência do Brasil, em 1822, houve uma série de inovações educacionais, como a criação das Escolas de Primeiras Letras, as escolas para meninas e a educação pública primária, mas não ocorreu um avanço significativo quanto a organização do sistema educacional brasileiro, como confirma De Melo (2000, p. 122)

Mesmo com a expulsão dos jesuítas (1759) e, depois, com a reforma do ensino, iniciada pelo regente D. João VI, o método humanístico de educação não mudara no decorrer do século, uma vez que havia se consolidado no meio intelectual brasileiro.

A iniciativa mais consistente de planejamento do ensino só ocorreu em 1837, com a fundação do Colégio Pedro II, que, influenciado pelos modelos didáticos europeus, ambicionava ser uma referência para as escolas secundárias brasileiras, inclusive para as instituições da esfera privada. Todavia, a inspiração na Educação europeia ainda permanecia nas bases do ensino nacional, muito embora esse modelo escolar fulgisse à realidade encontrada nestas terras, mesmo para filhos de famílias burguesas e abastadas da época, que, pela condição financeira, supunha-se mais familiarizados com as tendências eurocêntricas:

[...] a verdade é que o Colégio Pedro II punha em prática o projeto de Dom Pedro II de oferecer à elite dirigente um programa escolar erudito, embora esse programa fosse pouco condizente com a realidade brasileira, até mesmo em relação a alguns setores burgueses que participavam de nossas elites (CEREJA, 2005, p. 91).

A exemplo dessa indiferença do currículo do Pedro II às questões nacionais, os conhecimentos sobre a Literatura brasileira, que já vinham sendo explanados desde a década de 1850 dentro das disciplinas de Retórica e Poética, só foram introduzidos oficialmente no programa a partir de 1862, e apenas na década de 1870, tornaram-se nomeadamente uma disciplina curricular, a "História da Literatura em geral e especialmente da portuguesa e da nacional" (SOUSA, 1999, p. 32 *apud* CEREJA, 2005, p. 92).

Mesmo com sua institucionalização tardia, o ensino de Literatura do Colégio Pedro II, apoiado sobretudo na corrente positivista, fundou o estudo historiográfico da Literatura Brasileira, que transpõe para a sala de aula, de forma diacrônica cronológica e linear, uma síntese dos movimentos e escolas literárias nacionais, destacando os principais autores representativos de cada período, bem como suas obras mais significativas, estabelecendo assim um seletivo cânone pátrio. Este método pedagógico sobreviveu a uma série de reformas educacionais que marcaram o século XX (Conselho Nacional do Livro Didático, Reforma de Gustavo Capanema e Expansão do ensino de Português no ensino secundário) e encontra-se enraizado nas aulas de Literatura atuais.

Todavia, por mais que estas reformas não abalaram as estruturas do ensino historiográfico de Literatura, elas foram responsáveis por desestabilizar a moral do colégio imperial, que foi perdendo força e confiança à medida que o sistema educacional brasileiro implementava novas instituições reguladoras e normativas burocráticas, principalmente no que diz respeito ao ingresso no Ensino Superior. Nesse período, com o aumento das aulas de Língua Portuguesa dentro do currículo, há uma atenção maior ao ensino de Literatura, que passa trabalhar autores contemporâneos.

Em 1961, com a aprovação da Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o currículo adquire um caráter flexível, pois, como afirma Zappone (2018, p.413), "[...] as escolas, por sua vez, deveriam adotar as disciplinas obrigatórias (português, história, geografia matemática e ciências e poderiam escolher disciplinas complementares". Nesse período, a disciplina de língua portuguesa ganha destaque, pois, ao preparar os estudantes para a aprovação nos vestibulares, que ficaram a encargo das próprias

universidades, trabalha conteúdos gramaticais e estilísticos, visando o desenvolvimento tanto da oralidade quanto o da produção escrita.

Nas décadas de 1970 e de 1980, o ensino brasileiro ficou sob o crivo do regime militar, que, numa proposta curricular profissionalizante, instituída principalmente pelo acordo Mec-Usaid, promulga uma nova Lei de Diretrizes e Bases, em 1971. Além disso, a reforma educacional militar também estabeleceu o aumento de quatro para oito anos do 1º grau, hoje ensino fundamental, e destinou, para o ensino secundário, menos tempo e relevância para as disciplinas basilares em detrimento do desenvolvimento tecnicista, como pode ser percebido na junção da história e geografia em estudos sociais e a exclusão da filosofia do programa curricular. Nota-se que, neste período, o ensino de Literatura ainda era ministrado com certa influência europeia e erudita, como pode ser percebido no próprio documento citado por Cereja (2005),

Assim como a nossa História é parte da História Universal, a Literatura Brasileira não poderá ser estudada com abstração de suas raízes portuguesas e sem inserir-se no complexo cultural europeu de que se originou [...]

(MEC, 1971, p.30 *apud* CEREJA, 2005, *s/p*), marcando assim uma supervalorização culturalista e passadista da aprendizagem literária.

A partir de 1985, o período de redemocratização política foi, no contexto educacional, marcado pela institucionalização de uma série de documentos pedagógicos que visavam reestruturar a Educação brasileira. Dentre os principais documentos que pautam essencialmente o Ensino Médio, interesse deste trabalho, destacam-se: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB/96), os Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio (PCNEM) de 1999 e os Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio (PCN+) de 2002. Mesmo que tais medidas representem um importante marco para o processo de ensino e aprendizagem nacional, pois norteavam e embasavam o trabalho dos professores, ainda apresentavam fragilidades quanto ao ensino de literatura, principalmente no que diz respeito às

discrepantes propostas metodológicas e à frágil base teórica, sobretudo na composição dos dois últimos títulos, como declara Cereja (2005, p.126):

E, no caso específico do ensino de literatura, é hora não só de buscar práticas de ensino mais condizentes com o mundo em que vivemos e como exercício da cidadania, mas também de resgatar a importância e a autoestima da disciplina, perdidas desde a publicação dos PCNEM.

Atualmente, um dos documentos educacionais que respalda o ensino e aprendizagem das escolas brasileiras é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2018. Mesmo com algumas inovações, como a inserção de discussões em sala de aula sobre literatura indígena, africana, afro-brasileira e contemporânea e a preocupação ainda maior com a formação de um aluno leitor, o documento dispõe apenas de quatro páginas para tratar do ensino de Literatura dentro das suas mais de seiscentas páginas, não tendo sido elaborado por professores e docentes e não apresentando direcionamentos mínimos sobre os conteúdos a serem abordados nesta disciplina, como salienta Ipiranga (2019):

A análise inicial da BNCC revela-nos um texto complexo, transversal em sua proposta, com proposições inteligentes e inovadoras, embora muito abstratas. As orientações aos educadores sobre as práticas literárias no Ensino Médio não indicam conteúdos, mas sim habilidades a serem desenvolvidas de forma que competências sejam mobilizadas (IPIRANGA, 2019, p. 112).

Como pode ser percebido nesta breve trajetória do Ensino de Literatura, a disciplina passou por uma série de mudanças legislativas e educacionais que refletiam o entendimento que a sociedade brasileira de cada uma das épocas tinha sobre cultura e educação, sendo, muitas vezes, influenciada pela erudição e pelos costumes europeus, tendo uma abertura maior para as manifestações literárias contemporâneas a partir do período de redemocratização política, principalmente na atualidade, com a publicação da BNCC (2018).

Portanto, pelo caráter mais inclusivo do Ensino de Literatura para com obras contemporâneas e culturais, faz-se necessário, baseando-se

sobretudo nas fundamentações de Antunes (2012), Beserra (2020), Machado (2002) e Sampaio (1994), compreender como a cearensidade e o léxico local são manifestações culturais populares do estado, ressaltando a identidade presente nas narrativas cearenses.

3. PARA UM BOM CEARENSE, UMA RUMA DE PALAVRAS BASTA: o léxico como aspecto da cearensidade na literatura

Como foi possível perceber, grande parte da trajetória da Literatura como disciplina curricular no Ensino Médio foi marcada pela influência da cultura clássica e europeia, principalmente nos períodos Colonial e Imperial. Tal fator pode ser compreendido pela noção mais aceita à época do termo cultura, como o conjunto de manifestações intelectuais, ilustres e abastadas de nações dita desenvolvidas, como confirma Elias (1994, p. 23) ao explicar a definição de termo no século XVII:

Com essa palavra, a sociedade ocidental procurava descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais.

Este conceito abastado e erudito de cultura, que atualmente ainda persiste, trouxe prejuízos para o estudo das manifestações culturais populares e locais, que apenas começaram a ser estudadas e valorizadas como elementos identitários de comunidades regionais após a Primeira Guerra Mundial (1914-1916), como explica Beserra (2020):

Continuando sua trajetória semântica, o termo cultura, pós-Primeira Guerra Mundial, foi estudado principalmente por duas vertentes etnográficas: a norte-americana e a inglesa; a primeira abordando a palavra cultura como as manifestações culturais de uma comunidade, sem descuidar das reações individuais promovidas pelos costumes coletivos instituídos na dinâmica dessa sociedade, enquanto a segunda abrange a concepção também aos produtos materiais que representam as tradições e crenças de dada comunidade, além das técnicas próprias do grupo, ideologias, hábitos e forma de organização social (BESERRA, 2020, p.22).

Todavia, depois de um longo processo semântico e teórico, o conceito de cultura alarga-se e passa a ser entendido como todos os símbolos mobilizados para representar a forma particular com que diversos grupos, comunidades e povos compreendem o mundo biossocial, os identificando, não de forma fixa e engessada, mas sim de forma dinâmica e mutável, originando uma cultura essencialmente popular, sendo, como explicada por Machado (2002), “[...] como todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento” (MACHADO, 2002, p.335).

Esta definição de cultura popular se aproxima bastante do conceito de cearensidade, sendo que “A definição desta “cearensidade” consistiria em reforçar as características que o senso comum alinhou como peculiares à gente da terra, em uma operação ideológica de esvaziamento dos elementos contraditórios e de construção de uma mitologia [...]” (CARVALHO, 1994, p.32), isto é, há uma maneira típica dos cearenses compreenderem e construir a realidade, a partir de signos e significados que os identificam, como as relações sociais, costumes, ritos, vestimentas e a linguagem, ressaltado aqui o aspecto lexical.

Assim, estes aspectos identitários característicos do estado e de seus habitantes se fazem presentes nas narrativas locais e formam, a partir de um conjunto de obras e escritores, o próprio cânone literário cearense, com seus respectivos procedimentos de análise e fundamentos teóricos, como afirma Beserra (2020):

Na literatura, a cultura popular e, por extensão, a cearensidade é evidenciada nas narrativas de diversas formas, desde as características físicas, o humor gaiato dos homens, a descrição dos cenários sertanejos, a disputa de poderes sociais e a linguagem matuta enraizada na realidade cearense, ou seja, pelas manifestações dos símbolos representativos do povo e da terra, de forma múltipla e dinâmica, que são construídas as prosas cearenses (BESERRA, 2020, p. 26).

3. Segundo Pottier (1978) citado por Costa (2019, p.80), “A lexia simples corresponde à “palavra” tradicional em vários casos [...]; A lexia composta é o resultado de uma integração semântica, a qual se manifesta formalmente [...]. A lexia complexa é uma sequência em vias de lexicalização, a vários graus [...] e A lexia textual é uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto [...]”.

Todas essas manifestações culturais populares de cearensidade são realizadas e transmitidas na e pela linguagem, codificadas na língua mobilizada pelos sujeitos para suas interações diárias no mundo biossocial, como explica Bezerra (2020):

[...] as manifestações culturais estão inteiramente ligadas ao conceito de língua, [...], já que é pela mobilização e compreensão dos códigos linguísticos que os sujeitos se integram socialmente e simbolizam o mundo a partir da sua própria concepção” (BESERRA, 2020, p. 32).

Ao conjunto de codificações linguísticas das manifestações culturais de uma nação ou povo dá-se o nome de léxico que, segundo Antunes (2012), “O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p. 27). O léxico é composto por expressões indecomponíveis e dotadas de significação, as lexias, sendo classificadas em lexias simples, compostas, complexas e textuais³ depender da estrutura morfológica e léxico-semântica. Estas expressões, carregadas de significados culturais, são mobilizadas pelos escritores cearenses quando escritas obras que versam sobre o torrão natal, revelando a cearensidade presente narrativa, assim como mostra Beserra (2020), “transpondo para o campo literário, é então no compartilhamento e entendimento dos códigos que permeiam as obras que se desenvolve a cearensidade, esta maneira própria dos cearenses representarem o mundo ao seu entorno” (BESERRA, 2020, p. 32).

Portanto, entende-se que sendo a cultura popular uma forma singular, mas válida, de representação da identidade de um povo, a cearensidade seria uma extensão desta manifestação, pois simboliza a qualidade de ser cearense com suas próprias visões de mundo, de compreensão dos fatos, forma de lidar com as questões do dia-a-dia e o jeito de inter(agir) no mundo. Essa essência cultural, compilada no léxico e transposta para as prosas locais a partir das lexias, é o que caracteriza a identidade literária do torrão natal que, segundo Marques (2018),

[...] teria que percorrer um espaço que não era propriamente o lugar de nascimento do escritor, mas significava um território mais amplo, um Ceará simbólico, uma essência, uma cearensidade que uniria as obras que deveriam compor a chamada literatura cearense (MARQUES, 2018, p. 76).

A seguir, como exemplificação de como abordar a cearensidade de uma obra conterrânea, na aula de Literatura do Ensino Médio, a partir do léxico local, há uma análise lexical de um trecho de um *O País dos Mourões* (1972) de Gerardo Mello Mourão. Para fundamentar a discussão teórica e a análise lexical, além da referida obra apresentada, conta-se também com o aporte de Antunes (2012), Beserra (2020), já mencionados anteriormente, e Girão (2000).

4. O LÉXICO COMO ABORDAGEM DA CEARENSIDADE: uma proposta para as aulas de literatura do ensino médio

Inicialmente, vale ressaltar que a escolha da referida obra e do autor cearense, Gerardo Mello Mourão, para a demonstração de uma análise lexical voltada para as aulas de Literatura do Ensino Médio dá-se, sobretudo, pela relevância que a BNCC (2018) deu às obras contemporâneas, inclusive para aquelas que ainda não fazem parte do estreito cânone nacional, além da abertura concedida ao professor para preparar o próprio conteúdo e material de aula a fim de cumprir as habilidades determinadas pelo documento. Ademais, justifica-se a escolha do livro pela familiaridade entre o autor em tela e o presente pesquisador, sendo a vida e obra de Gerardo um interesse particular de pesquisa.

Assim sendo, Gerardo Mello Mourão (1917-2007) nasceu na cidade de Ipueiras-Ce, filho do Major da Guarda Nacional Coriolano Ribeiro Mello de Sampaio e da professora primária Esther Urcezina de Mello Sampaio. Sua vida foi marcada por preceitos religiosos, por perseguições políticas e pela produção literária, sendo, inclusive, para este último fator, laureado pela indicação ao Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1979. Dentre os temas que permeiam sua escrita, destaca-se o domínio da família dos Mello Mourões no Ceará, uma antiga oligarquia que, pela força política, bélica e financeira, dominava toda a província, sendo matéria criativa

da trilogia épica *Os Peãs* (1982), do qual fazem parte os livros: *O País dos Mourões* (1963), *Peripécias de Gerardo* (1972) e *Rastro de Apolo* (1977).

Pela extensão do trabalho, optou-se por pegar um trecho do livro *O País dos Mourões* (1972), do único canto que não é representado na obra por uma letra grega, mas que se encontra nas páginas 29 a 32. Assim, será possível perceber algumas manifestações culturais populares desta família cearense e como o léxico foi mobilizado para representá-las, como pode ser lido a seguir:

Naquele tempo
chiava o ferro no quarto dos bois
e o gado do capitão mungia gordo
nas soltas dos mourões
e as cabras eram assinadas na orelha e as éguas e os
jumentos ferrados
e o ferro negro marcava o gibão dos vaqueiros, os
bancos da alpendrada, a aroeira dos currais de
tronqueira
e as camas de couro cru onde nascemos e a marca
dos mourões marcava
homem alimária e coisa
naquele tempo:
cabo de osso do facão mateiro
coronha do rifle papo amarelo lâmina
do terçado de três palmos
(MOURÃO, 1972, p. 29).

Como é possível perceber neste recorte, há uma série de costumes e hábitos próprios dessa família que habitava o sertão cearense, como a prática de marcar os animais com ferro, a fim de declarar sua posse, além de assinalar os pertences daquela parentela, como o facão, o rifle e a lâmina do terçado. E este pertencimento é estendido aos homens da tribo que são assinalados simbolicamente com o sinal da lendária família.

No fragmento, o léxico tem a função de carregar a significação cultural das expressões, expressando, a partir das lexias, uma forma particular de construção da realidade. Assim, nos versos acima, foram catalogadas 08 (oito) lexias, principalmente simples e complexas, que caráter cearense, são elas: Quarto dos bois, Soltas, Assinadas, Gibão, Alpendrada, Currais de tronqueira, Camas de couro cru (sic) e Rifle de pano-amarelo. Depois deste levantamento preliminar, as lexias passaram por uma conferência

no *Vocabulário popular cearense* (2000) de Raimundo Girão, para garantia de conformidade quanto ao patrimônio linguístico do estado. Essa verificação no dicionário de Girão (2000) faz-se necessário, porque “Assim, ressalta-se ainda que a validação das lexias como regionais é feita a partir da sua integração nesses objetos de registros, estabelecendo sua vitalidade, produtividade, frequência e complexidade nas interações comunicativas dos falantes cearenses” (BESERRA, 2020, p.34).

Apresentaremos, a seguir, o quadro das lexias cearenses e seus respectivos significados encontrados no *Vocabulário* de Girão (2000).

Quadro 1 – Lexias cearense encontradas vs n' *O País dos Mourões*.

01	Quarto dos bois (p.29) (GIRÃO, 2000)	Quarto – A quarta parte ou sorte que toca, ou seja, de um quatro um. (GIRÃO, 2000)
02	Soltas (p.29) (GIRÃO, 2000)	s.f. Lugar, cercado ou não, onde se põe o gado para engordar, por ter bastante pastagem (GIRÃO, 2000).
03	Assinadas (p.29) (GIRÃO, 2000)	v. Ver Sinal – s.m Pequeno corte feito na orelha ou orelhas da rês ou dos muares, asininos, criação ou suínos, indicativo do dono ou da fazenda a que pertencem, e apresentando muitas combinações, sempre com o intuito de diferenciar de outro dono ou fazenda (GIRÃO, 2000).
04	Gibão (p.29) (GIRÃO, 2000)	s.m. A véstia ou casaco da roupa do vaqueiro (GIRÃO, 2000).
05	Alpendrada (p.29) (GIRÃO, 2000)	Alpendre – s.m. Copiar. Varanda no limiar e, às vezes aos lados da casa, na mesma água (sic) da frente ou não, sustentada na parte ou mais baixa por colunas de alvenaria ou de madeira (GIRÃO, 2000).
06	Currais de tronqueira (p.29) (GIRÃO, 2000)	Curral – s.m. Comodo, estacada ou cercado, junto à casa da fazenda e onde são postas as vacas de ordenha (GIRÃO, 2000).
07	Camas de couro cru (p.29) (GIRÃO, 2000)	Couro – s.m. “Couro cru” o couro não curtido (GIRÃO, 2000).
08	Rifle de papo-amarelo (p.29) (GIRÃO, 2000)	s.m. “Papo-amarelo” – o rifle (arma de fogo) (GIRÃO, 2000).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim, estas 08 (oito) lexias encontradas no excerto do livro *O País dos Mourões* (1972) codificam a significação das manifestações culturais populares da família dos Mello Mourões do Ceará, sendo validadas como pertencentes à conjuntura lexical cearense pelo dicionário de Girão (2000). Desta forma, a cearensidade se faz presente de forma lexical, representando a forma desta parentela conceber o mundo na e pela linguagem, sendo inclusive herdado por Gerardo, pois ao mobilizar um léxico tão local, comprova sua naturalidade, como concorda Beserra (2020):

“[...] o relato das memórias dos causos da família Mello Mourão pelo derradeiro descendente dessa tribo é possível graças à linguagem, que traduz os símbolos compartilhados nas manifestações culturais, ou seja, o léxico, os valores e gostos, herdados por Gerardo. Deste modo, a linguagem é um fator essencial para a cultura de uma comunidade, uma vez que é através dela que os indivíduos são compreendidos e são representados [...]” (BESERRA, 2020, p. 29-30).

Portanto, uma abordagem que trabalhe a produção de sentidos lexicais de uma cultura local e popular para ressaltar sua percepção do mundo como fator identitário, em sala de aula, na disciplina de Literatura do Ensino Médio, é uma prática necessária para o desenvolvimento linguístico dos estudantes, pois, como salienta Antunes (2012):

“Fica patente que o ensino do léxico ocupa um lugar marginal no interior de alguns programas escolares, além de, quando tratado como objeto de ensino, não atinge a dimensão da textualidade, ou seja, não é visto como componente fundamental da construção textual dos sentidos” (ANTUNES, 2012, p.24).

Por fim, faz-se necessário conhecer os desdobramentos desta pesquisa, como o cumprimento dos objetivos, as limitações do trabalho e as potenciais pesquisas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, não era intenção da pesquisa oferecer uma prática pedagógica pronta para aplicação em sala de aula, mas sim propor que o léxico fosse

considerado para abordar, nas aulas de Literatura do Ensino Médio, a cearensidade presente nas obras cearenses. Pela trajetória histórica da disciplina de Literatura, pela apresentação dos conceitos de cultura popular, cearensidade e léxico local, e pela análise do trecho do livro *O País dos Mourões* (1972) de Gerardo Mello Mourão, foi possível perceber que os objetivos estabelecidos foram cumpridos.

Todavia, principalmente pela extensão pretendida do trabalho, foram percebidas algumas limitações durante a investigação, como: o breve levantamento histórico da disciplina de Literatura, não sendo possível analisar detalhadamente os documentos norteadores da Educação brasileira; a análise de apenas um trecho do livro, mas podendo ser ampliada para as demais obras da trilogia *Os Peãs*; e, também, a utilização de apenas um instrumento de validação das lexias, podendo a análise ser enriquecida com a colaboração de outros dicionários de falares cearenses.

Apesar disso, o estudo desenvolvido não é invalidado, muito pelo contrário, sua contribuição pode ser expandida por potências pesquisas que podem ser feitas, como a comprovação da efetividade do léxico ao abordar a cearensidade na Literatura a partir da aplicação de práticas didático-pedagógicas, a ampliação da análise lexical de textos literários cearenses de diversos períodos literários, uma investigação dos documentos educacionais do estado do Ceará quanto ao trabalho das manifestações culturais locais em sala de aula, o desenvolvimento de outros aspectos da cearensidade que não foram abordados neste trabalho, como a biografia dos autores, costumes próprios do torrão natal e cenários e ícones representativos destas terras, dentre outros estudos que possam contribuir com a temática aqui abordada.

Assim, o léxico local mostra-se um importante fator identitário, pois ao passo que caracteriza os sujeitos como os cearenses, também expressa e a forma como estes constroem o universo, inclusive o de caráter ficcional, uma vez que as lexias encapsulam as manifestações culturais populares do estado nas obras literárias cearenses, destacando assim sua essência de cearensidade. Então, ao ler e perceber

a cearensidade nos livros, a partir do seu léxico, os estudantes se reconhecem nas narrativas, garantido e exercendo seu direito a fabulação literária.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras**: o estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BESERRA, Antonio Anderson da Silva. **A cearensidade lexical e cultural popular em O País dos Mourões, de Gerardo Mello Mourão**: redescoberta e pertencimento. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Instituto Federal do Ceará, Licenciatura em Letras – Português, Campus Crateús, 2020.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In.: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em cordel**: o mote do consumo. São Paulo: Maltese, 1994.
- CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.
- COSTA, Expedito Wellington Chaves. **Culturemas da gastronomia cearense**: contributos para a fraseologia da língua portuguesa. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Portugal, 2019.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- DE MELO, C. A. O ensino de literatura brasileira no império. **Travessias**, Cascavel, v. 3, n. 3, p.120-139, jan. 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3448>. Acesso em: 19 out. 2021.
- ELIAS, Norbert. **Da sociogênese dos conceitos de "civilização" e "cultura"**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FONTANA, Felipe. Técnicas de Pesquisa. In: MAZUCATO, Thiago (org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018, p. 59-77.
- GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- IPIRANGA, Sarah. O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola. **Rev. de Letras**. Fortaleza, v.1, n. 38, p. 106-114, jan./jun. 2019. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49493/1/2019_art_sdsipiranga.pdf. Acesso em: 19 out. 2021.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Org.) **História e cultura**: espaços plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002.
- MARQUES, Rodrigo. **Literatura cearense**: outra história. Fortaleza: Dummar, 2018.
- MOURÃO, Gerardo Mello. **O País dos Mourões**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gerardomellomourao.html>. Acesso em: 08. Dez. 2018.
- ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Literatura na escola brasileira: história, normativas e experiência no espaço escolar. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 54, p. 409-433, mai./ago.2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/sLGPVCVLSfTfqgLL8ym5ZwQn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2021.